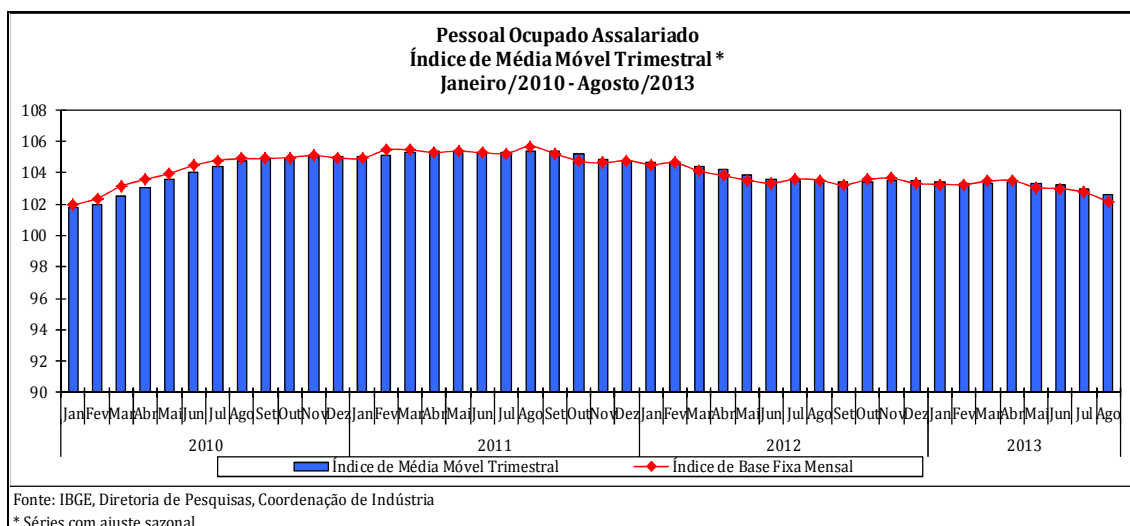


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em agosto de 2013, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou queda de 0,6% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, quarta taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto, acumulando nesse período perda de 1,3%. Vale citar que o resultado desse mês é o recuo mais intenso desde abril de 2009 (-0,7%). Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral assinalou variação negativa de 0,3% no trimestre encerrado em agosto frente ao nível do mês anterior e permaneceu com a trajetória descendente iniciada em abril último.



O emprego industrial mostrou queda de 1,3% no índice mensal de agosto de 2013, vigésimo-terceiro resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde dezembro último (-1,4%). No índice acumulado para os oito meses de 2013, o total do pessoal ocupado na indústria assinalou recuo de 0,8%. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,0% em agosto de 2013, prosseguiu com a ligeira redução na magnitude de queda iniciada em fevereiro (-1,5%).

No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 1,3% em agosto de 2013, com o contingente de trabalhadores apontando redução em treze dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado na Região Nordeste (-4,9%),

pressionado em grande parte pelas taxas negativas em quatorze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de alimentos e bebidas (-5,8%), calçados e couro (-8,0%), minerais não-metálicos (-7,4%), vestuário (-4,0%), refino de petróleo e produção de álcool (-12,8%), produtos têxteis (-5,1%), indústrias extrativas (-7,9%), produtos de metal (-6,6%), borracha e plástico (-3,8%) e máquinas e equipamentos (-5,2%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por São Paulo (-0,9%), Bahia (-7,0%), Rio Grande do Sul (-1,8%), Pernambuco (-6,8%) e Minas Gerais (-1,1%), com o primeiro influenciado principalmente pelas quedas verificadas nos setores de produtos de metal (-10,9%), máquinas e equipamentos (-5,1%), produtos têxteis (-10,0%), outros produtos da indústria de transformação (-8,9%), papel e gráfica (-4,2%) e refino de petróleo e produção de álcool (-6,4%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de calçados e couro (-26,5%), minerais não-metálicos (-21,7%), máquinas e equipamentos (-14,2%), vestuário (-6,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,0%), indústrias extrativas (-3,8%) e madeira (-18,5%); o terceiro por conta das perdas registradas em calçados e couro (-8,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-23,1%), vestuário (-13,0%), madeira (-10,3%) e fumo (-11,3%); o quarto em função dos recuos verificados em alimentos e bebidas (-12,0%), borracha e plástico (-18,8%), vestuário (-7,9%), produtos têxteis (-14,1%) e minerais não-metálicos (-5,3%); e o último influenciado especialmente pelas atividades de calçados e couro (-7,6%), outros produtos da indústria de transformação (-6,0%), vestuário (-5,5%), alimentos e bebidas (-1,9%), borracha e plástico (-7,3%) e produtos de metal (-2,5%). Por outro lado, Santa Catarina, com avanço de 0,9% em agosto de 2013, apontou a contribuição positiva mais relevante sobre o emprego industrial do país, impulsionado, em grande parte, pelos setores de produtos de metal (9,3%), borracha e plástico (5,4%), máquinas e equipamentos (3,3%), alimentos e bebidas (1,2%) e meios de transporte (7,5%).

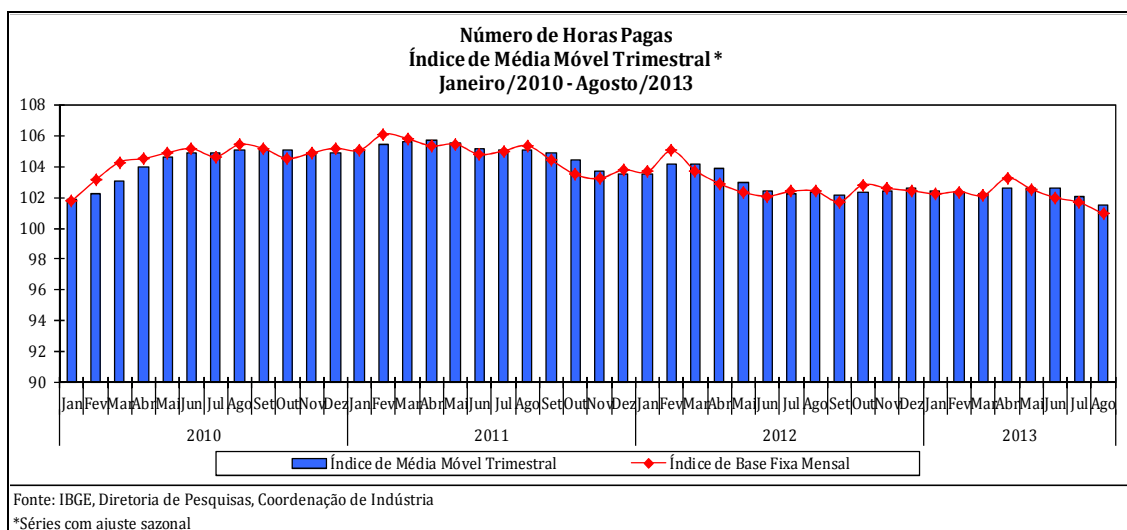
Setorialmente, ainda no índice mensal de agosto de 2013, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em treze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de produtos de metal (-4,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,3%), calçados e couro (-4,7%), máquinas e equipamentos (-2,9%), produtos têxteis (-4,4%), outros produtos da indústria de transformação (-3,6%), madeira (-5,7%), refino de petróleo e produção de álcool (-5,1%) e minerais não-metálicos (-2,1%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre a média da indústria foram observados nos setores de borracha e plástico (3,3%), alimentos e bebidas (0,8%) e meios de transporte (1,3%).

No índice acumulado do período janeiro-agosto de 2013, o emprego industrial mostrou queda de 0,8%, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em onze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Região Nordeste (-4,4%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-2,3%), Pernambuco (-7,3%), Bahia (-5,5%) e São Paulo (-0,4%). Por outro lado, Santa Catarina (1,0%) e Paraná (0,7%) exerceram as pressões positivas mais importantes no acumulado dos oito meses do ano. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de calçados e couro (-5,3%), vestuário (-3,3%), outros produtos da indústria de transformação (-4,1%), produtos têxteis (-3,8%), máquinas e equipamentos (-1,9%) e madeira (-5,1%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (1,7%) e de borracha e plástica (3,0%) responderam pelas principais influências positivas.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em agosto de 2013, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,7% frente ao mês imediatamente anterior, quarta taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 2,2%. Vale citar que o resultado desse mês é o recuo mais intenso desde abril de 2012 (-0,8%). Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral, ao recuar 0,5% no trimestre

encerrado em agosto frente ao nível do mês anterior, repetiu a magnitude de queda registrada no mês de julho.



No confronto agosto de 2013 / agosto de 2012, o número de horas pagas mostrou queda de 1,4%, terceiro resultado negativo consecutivo nesse tipo de comparação e o mais intenso desde fevereiro último (-2,3%). No índice acumulado para os oito meses de 2013, o total do número de horas pagas na indústria também apontou redução (-0,9%), ritmo de queda igual ao observado no fechamento do primeiro semestre do ano, ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,1% em agosto de 2013, registrou resultado negativo menos acentuado do que os verificados em março (-2,0%), abril (-1,8%), maio (-1,5%), junho (-1,4%) e julho (-1,2%).

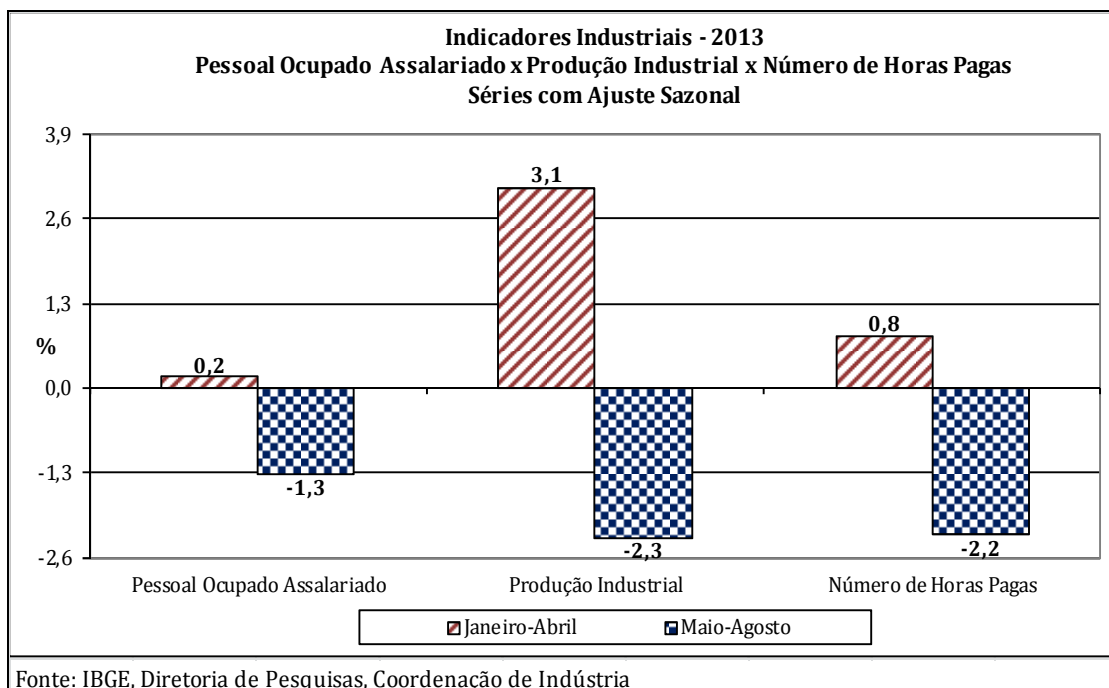
Em agosto de 2013, o número de horas pagas apontou recuo de 1,4% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em doze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de produtos de metal (-6,0%), calçados e couro (-7,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,1%), máquinas e equipamentos (-3,3%), produtos têxteis (-5,6%) e outros produtos da indústria de transformação (-3,9%). Em sentido contrário, o setor de alimentos e bebidas (1,1%) assinalou o principal impacto positivo nesse mês, seguido por borracha e plástico (4,2%) e meios de transporte (2,3%).

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, a Região Nordeste (-5,3%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país, pressionada em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de alimentos e bebidas (-6,0%), calçados e couro (-8,3%), minerais não-metálicos (-8,4%), refino de petróleo e produção de álcool (-12,7%), produtos de metal (-10,0%), vestuário (-3,1%) e produtos têxteis (-5,7%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por São Paulo (-1,0%), com destaque para as quedas registradas em produtos de metal (-12,6%), máquinas e equipamentos (-5,0%), produtos têxteis (-9,7%), outros produtos da indústria de transformação (-8,5%) e meios de transporte (-2,6%); Bahia (-7,9%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em calçados e couro (-24,0%), minerais não-metálicos (-22,8%), máquinas e equipamentos (-13,7%) e vestuário (-8,2%); Rio Grande do Sul (-2,3%), por conta, especialmente, das quedas assinaladas em calçados e couro (-14,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-17,3%), máquinas e equipamentos (-4,4%) e vestuário (-17,8%); Pernambuco (-7,3%), em função, principalmente, dos recuos observados em alimentos e bebidas (-11,4%), borracha e plástico (-21,4%), vestuário (-9,8%), papel e gráfica (-13,1%) e produtos têxteis (-20,4%); Paraná (-2,0%), impactado em grande parte pelas taxas negativas registradas nas atividades de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-31,5%), madeira (-10,2%) e produtos de metal (-8,4%); e Minas Gerais (-1,3%), explicada em grande medida pela queda nos ramos de outros produtos da indústria de transformação (-6,9%), alimentos e bebidas (-2,3%), vestuário (-5,9%), metalurgia básica (-3,9%), calçados e couro (-7,3%) e produtos têxteis (-9,0%). Por outro lado, Rio de Janeiro (1,6%), Santa Catarina (0,8%) e Região Norte e Centro-Oeste (0,5%) exerceram as contribuições positivas sobre o total do número de horas pagas, impulsionados, em grande parte, pela expansão verificada nos setores de meios de transporte (8,8%), alimentos e bebidas (5,8%) e indústrias extrativas (8,0%), no primeiro local, borracha e plástico (8,9%) e produtos de metal (9,6%), no segundo, e alimentos e bebidas (5,0%), no último.

No índice acumulado de janeiro-agosto de 2013, frente a igual período do ano anterior, houve recuo de 0,9% no número de horas pagas, com dez dos dezoito setores pesquisados apontando queda. Os impactos negativos mais relevantes sobre a média global da indústria foram verificados nos ramos de calçados e couro (-7,4%), vestuário (-3,7%), outros produtos da indústria de transformação (-4,7%), máquinas e equipamentos (-2,6%), produtos têxteis (-4,4%), madeira (-5,6%) e produtos de metal (-1,8%). Em sentido oposto, alimentos e bebidas (2,1%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria.

Em nível regional, ainda no índice acumulado no ano, doze dos quatorze locais pesquisados mostraram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,4% registrado pela Região Nordeste, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-2,9%), Bahia (-6,1%), Pernambuco (-6,7%), Espírito Santo (-4,1%) e São Paulo (-0,1%). Em contrapartida, Santa Catarina (0,7%) e Rio de Janeiro (0,6%) assinalaram as influências positivas no índice acumulado dos oito meses do ano frente a igual período do ano anterior.

Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria, em agosto de 2013, permaneceram com o comportamento de menor intensidade na comparação com o mês imediatamente anterior, já que ambos apontaram o quarto resultado negativo nesse tipo de confronto e acumularam, respectivamente, perdas de 1,3% e 2,2%, que eliminaram os ganhos assinalados no período janeiro-abril. Vale destacar que esse movimento de menor dinamismo reflete, em grande parte, a redução de ritmo que marca a produção industrial desde maio último.



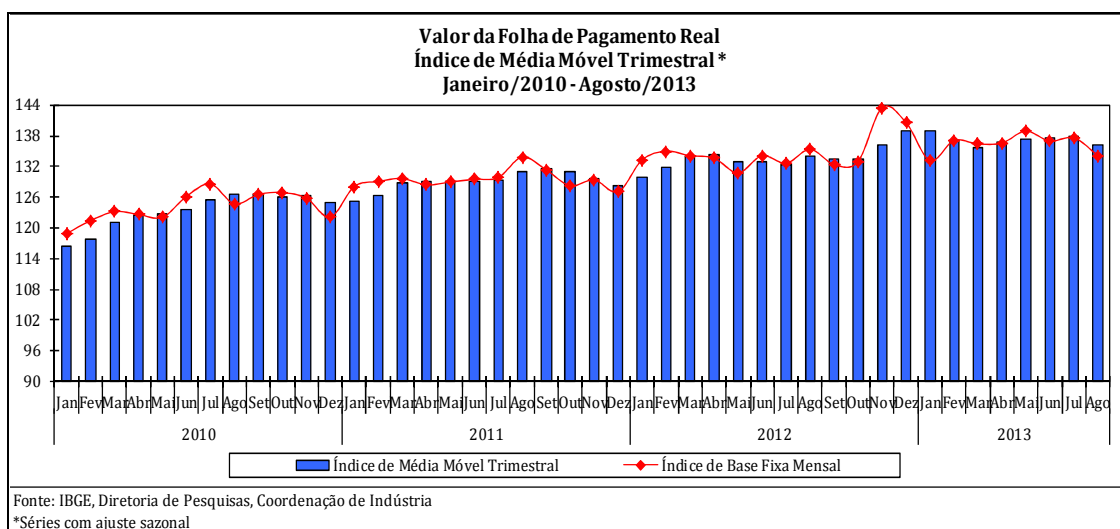
Ainda na série com ajuste sazonal, a evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse momento de menor intensidade do mercado de trabalho na indústria, já que nesse indicador o emprego industrial prosseguiu com a ligeira trajetória descendente iniciada em abril último, e o número de horas pagas assinalou o recuo mais intenso desde maio do ano passado (-0,9%). Vale ressaltar que nesse indicador a produção industrial mostrou, em agosto, o segundo resultado negativo consecutivo.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial e o número de horas pagas na indústria assinalaram em agosto de 2013 taxas negativas nesse tipo de confronto, com o primeiro apontando o vigésimo-terceiro recuo consecutivo, e o segundo registrando o resultado negativo mais intenso desde fevereiro último. O indicador acumulado para os oito meses do ano prosseguiu em queda nas duas variáveis e manteve o perfil disseminado de taxas negativas entre os locais e os setores investigados.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em agosto de 2013, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 2,5% frente ao mês imediatamente anterior, após assinalar variação positiva de 0,5% em julho último. Vale destacar que nesse mês observa-se a clara influência da queda

de 15,5% assinalada pelo setor extrativo, pressionado em grande parte pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor no mês anterior, já que a indústria de transformação apontou queda de 1,3%. Vale citar que o resultado desse mês é o recuo mais elevado desde janeiro de 2013 (-5,3%). Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral para o total da indústria assinalou redução de 1,2% na passagem dos trimestres encerrados em julho e agosto e interrompeu a trajetória ascendente iniciada em março último.



No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real mostrou variação negativa de 0,2% em agosto de 2013 e interrompeu quarenta e três meses de taxas positivas consecutivas nesse tipo de comparação. No índice acumulado para os oito meses de 2013, o valor da folha de pagamento real da indústria apontou expansão de 2,4%, ritmo ligeiramente abaixo do verificado no fechamento do primeiro semestre do ano (2,7%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,7% em agosto de 2013, assinalou resultado próximo do registrado nos meses de março (3,7%), abril (3,6%), maio (3,9%), junho (3,8%) e julho (3,9%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou queda de 0,2% em agosto de 2013, com resultados negativos em sete dos quatorze locais investigados. As maiores influências negativas sobre o total nacional foram verificadas no Rio de Janeiro

(-10,3%), Região Nordeste (-7,5%), Bahia (-12,2%) e Espírito Santo (-5,9%), pressionadas em grande parte pela redução no valor da folha de pagamento real nas indústrias extrativas (-28,5%) e refino de petróleo e produção de álcool (-39,8%), no primeiro local, indústrias extrativas (-31,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (-32,0%), no segundo, indústrias extrativas (-29,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (-40,1%), no terceiro, e indústrias extrativas (-17,3%), no último. Vale citar que nesses locais, os dois setores citados foram influenciados pela elevada base de comparação, em função do pagamento de participação nos lucros e resultados em agosto de 2012 em importante empresa do setor. Em sentido contrário, as contribuições positivas mais relevantes foram assinaladas por Rio Grande do Sul (3,9%), Santa Catarina (4,1%), São Paulo (0,6%), Região Norte e Centro-Oeste (3,4%), Minas Gerais (2,4%) e Paraná (2,8%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram, respectivamente, meios de transporte (11,6%) e alimentos e bebidas (9,6%); borracha e plástico (12,7%), máquinas e equipamentos (6,7%) e produtos de metal (12,9%); alimentos e bebidas (4,9%) e borracha e plástico (10,3%); alimentos e bebidas (9,2%); minerais não-metálicos (20,5%), indústrias extrativas (9,6%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (13,9%); máquinas e equipamentos (15,1%), outros produtos da indústria de transformação (12,1%) e alimentos e bebidas (2,9%).

Setorialmente, ainda no índice mensal de agosto de 2013, o valor da folha de pagamento real no total do país recuou em sete dos dezoito ramos investigados, com destaque para as perdas registradas por indústrias extrativas (-18,6%), refino de petróleo e produção de álcool (-17,8%) e produtos de metal (-2,3%). Por outro lado, os impactos positivos mais relevantes sobre o total nacional foram observados em alimentos e bebidas (5,2%), borracha e plástico (6,9%), produtos químicos (4,1%), máquinas e equipamentos (1,3%) e minerais não-metálicos (3,1%).

No índice acumulado nos oito meses de 2013, o valor da folha de pagamento real avançou 2,4%, com taxas positivas em dez dos quatorze locais

pesquisados. A maior contribuição positiva sobre o total da indústria veio de São Paulo (2,3%), vindo a seguir as influências registradas por Região Norte e Centro-Oeste (4,6%), Rio de Janeiro (4,1%), Rio Grande do Sul (3,2%), Minas Gerais (2,4%), Santa Catarina (3,2%) e Paraná (2,6%). Em sentido contrário, os impactos negativos foram assinalados por Região Nordeste (-0,8%), Pernambuco (-3,5%), Bahia (-1,7%) e Espírito Santo (-0,5%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em treze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (4,7%), indústrias extrativas (6,2%), produtos químicos (4,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (4,6%), borracha e plástico (4,6%), meios de transporte (1,4%) e máquinas e equipamentos (1,7%). Por outro lado, os setores de metalurgia básica (-1,7%), de vestuário (-1,2%) e de madeira (-1,7%) exerceram as influências negativas mais relevantes sobre o total nacional.